

LAURIE FRANKEL

O ATLAS
DO AMOR

Tradução

LAURA SILVA NEVES

B I
B I
B I
B I

Copyright © 2010 by Laurie Frankel

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Atlas of Love

CAPA Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Stockphotos/ Veer/ DJA65

PREPARAÇÃO Larissa Lino Barbosa

REVISÃO Juliane Kaori e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frankel, Laurie

O Atlas do amor / Laurie Frankel ; tradução Laura Silva
Neves. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2012.

Título original: The Atlas of Love.

ISBN 978-85-65530-05-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-06420

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

1

Quando eu tinha seis anos, encontrei um bebê no saguão do Waldorf Astoria. Envolto por um lençol e aninhado em uma verdadeira selva de vasos de plantas ao canto, ele estava num lugar em que somente uma criança de seis anos o encontraria. Para se enfiar ali, só mesmo alguém tão obcecado por *Onde vivem os monstros* que saberia reconhecer aquela floresta misteriosa e cuja avó fazia o check-in havia horas e nem estava prestando atenção mesmo. A não ser que você fosse uma recepcionista de vinte e poucos anos que escondera a gravidez e estava apavorada após ter dado à luz na hora do almoço em uma suíte no terceiro andar que não seria ocupada a semana inteira porque o carpete estava sendo trocado. Nesse caso, acho que aquela selva de vasos de plantas pareceria um bom lugar.

Eu tinha escapado da minha avó e me aventurado naquela floresta porque estava em busca de monstros. Lá, encontrei só poeira, uma moedinha que guardei no bolso para dar sorte, dois pedaços de rocambole grudados no chão — dos quais nem cheguei perto porque, mesmo aos seis anos, eu não comia pedaços de rocambole grudados no chão — e, debaixo de um tinhorão, uma coisinha se remexendo que a princípio pensei ser Max vestido de lobo.

É claro que eu não tinha idade para entender, mas de alguma maneira devo ter entendido, porque me agachei com o bebê no colo e me encostei na parede da selva de plantas e, para tentar acalmar meu novo amigo, olhei fixo em seus olhos sem piscar nem uma vez, ignorando os gritos histéricos da minha avó e o tumulto de um saguão cheio de gente estranha chamando meu nome, espiando embaixo da porta dos banheiros, na lojinha, na calçada e em mais um monte de outros lugares onde uma criança de seis anos poderia ter ido parar sem querer. Foi preciso outra criança para me achar, sua cara suja enfiada na minha selva gritou “Achei! Achei! *Eu* achei!”, como se ele é que tivesse feito algo heroico.

Vi o rosto da minha avó passar do alívio à raiva e à confusão continuamente, enquanto ela tentava entender como a neta de seis anos tinha conseguido escapar dela e dar à luz em cinco minutos. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes antes de finalmente dizer: “Janey, querida, por favor, me diga que você não roubou o bebê”.

Mais tarde, no nosso quarto perfeito com camas brancas enormes e toalhas macias enormes e janelas enormes com milhões de luzinhas brilhantes, depois de escapar do frenesi da imprensa, que tinha tomado conta do saguão quando uma recepcionista lívida percebeu que estava na hora de abrir o jogo, coloquei meu pijama e minha avó me abraçou e disse que estava muito orgulhosa de mim.

“Você não está zangada?”

“Um pouquinho”, ela admitiu, “por isso nunca, mas nunca mesmo fuja de mim e se esconda como você fez hoje. Mas eu também estou muito impressionada.”

“Por quê?”

“Porque posso ver a grande garota que você vai ser quando crescer. E é uma garota adorável.”

“Por quê?”

“Porque você estava assustada, mas foi corajosa. Não sabia o que aconteceria se alguém te achasse, por isso ficou calma, quietinha e não largou aquele bebê. Mesmo sabendo que eu provavelmente ia ficar zangada. Mesmo sem nunca ter cuidado de um bebê antes. Foi corajosa, esperta e carinhosa. Você tem um coração enorme”, explicou minha avó.

Fiz uma proposta. “Deveríamos levá-lo para casa para morar com a gente.”

“Não, meu bem. Aquele bebê pertence a outra pessoa.”

“Mas se a mãe não queria o bebê...”

“O bebê não é seu, querida. Mas amanhã vamos à loja de brinquedos escolher um só para você.”

Mais tarde ainda — muito mais tarde, para dizer a verdade —, minha avó disse que foi ali que tudo começou. As pessoas costumam reduzir tudo a óvulos e espermatozoides, mas quase sempre começa muito antes disso. Jill acha que começou quando Dan salvou o diretório acadêmico. Katie acha que foi com os profiteroles. Mas minha avó insiste que foi vinte anos antes, no saguão do Waldorf Astoria. É difícil saber com certeza, mas parece um pouco cedo demais. Eu mesma acho que o momento derradeiro foi com Jill na parte de bolachas do supermercado. Todo o resto se seguiu dali. Família não é uma questão de sangue, mas de destino. Não dá para escolher.

2

Conheci Jill na parte de bolachas do supermercado na noite anterior ao início do ano letivo, a última noite antes de começarmos a pós-graduação e a dar aulas. Achei que seria bom ter algo para beliscar enquanto esperava o amanhecer em pânico. Jill enchia o carrinho de bolachas água e sal.

“Ei, você é aquela estrangeira”, ela disse, reconhecendo-me da orientação.

“Sou de Vancouver”, respondi.

“O Canadá é outro país”, explicou Jill com razão. É verdade, pensei. Mas eu me sentia completamente em casa. Seattle é quase no Canadá.

“Quantas bolachas”, eu disse. O papo não estava indo nada bem.

Ela não deu importância. “São baratas. E eu não gosto de supermercados.”

“Então você pretende punir o mercado comprando todas as bolachas?”

“Estou comprando o máximo agora para não ter que voltar.”

“Elas vão ficar velhas.”

“Bolacha água e sal sempre tem gosto de velha, então tudo bem”, ela explicou.

“E as vitaminas?”, perguntei. Ela me olhou com cara de espanto. “Vitaminas, nutrientes... Comida saudável, sabe?”

“Quem é você para falar de comida saudável?”, Jill perguntou, olhando para a minha cesta de compras. Macarrão, arroz de saquinho, bolachas. “Essas coisas aí não vão te encher de nutrientes.” Era verdade de novo.

“Eu vou à feira amanhã”, expliquei, embora não tivesse pensado nisso até aquele exato segundo. “Só vim aqui para comprar o básico.”

“Eu não como legumes, mas você pode me pegar depois da aula”, disse Jill, como se tivesse sido convidada. “Talvez eu consiga absorver algumas vitaminas andando com as suas compras.”

“Meu nome é Janey”, eu disse, esticando minha mão. Ainda estava meio atordoada com a cara de pau de Jill, mas feliz por quase ter uma amiga.

“Eu me lembro. Janey do Canadá.”

Não foi assim de cara. Costumávamos sentar juntas nas aulas, mas só. Até que, uma tarde, ao sair da classe, perguntei a ela: “Você não vai para casa e janta bolacha, né?”.

“Às vezes.”

“Só bolacha?”

“Ou um sanduíche.”

“Sanduíche de bolacha?”

“Às vezes. O que você costuma jantar?”

“Macarrão. Ou arroz. Mas com legumes.”

“Você cozinha?”

“No micro-ondas. Mesmo assim... você deveria vir jantar um dia desses.”

“Eu sei me cuidar”, respondeu Jill.

“Parece que não”, retruquei. Eu ainda não sabia como aquilo era verdade. Ela veio jantar. Descongelei brócolis no micro-ondas com molho de queijo e ervilha na manteiga, depois misturei tudo com macarrão. Penne com molho de manteiga e queijo com brócolis e ervilha. Devia ter algumas vitaminas ali, mas o aspecto era meio nojento.

“Isso é meio nojento”, disse Jill.

“Melhor que jantar bolacha.”

“Não tenho tanta certeza disso.”

Como eu também não tinha muita certeza disso, decidi que íamos aprender a cozinhar. Diante dos fatos, Jill reconheceu que era uma boa ideia. Não podia ser assim tão difícil. Livros de cozinha são livros, e livros são nossa especialidade. Peguei vários deles e fomos ao Pike Place Market naquele domingo à tarde. Jill sugeriu comer primeiro.

“Viemos aqui para cozinhar”, protestei.

“Viemos aqui para comprar.”

“Então vamos às compras.”

“Não se deve comprar comida de estômago vazio”, ela explicou com sabedoria.

“Mas você só compra bolacha.”

“Não quando estou com fome.”

Ela me levou a uma lanchonete minúscula mais adiante na rua do mercado, com papel de parede surrado, chão grudento e duas mesinhas frágeis com cadeiras diferentes entre si. A moça no balcão mascava chiclete de uva com um cheiro forte e acariciava um pastor-alemão enorme e inacreditavelmente plácido (ou catatônico).

“Não quero comer aqui, não.”

“A comida é ótima”, assegurou Jill. “Minha mãe adora este lugar.”

“É imundo.”

“Você não gosta de cachorro?”

“Eu amo cachorro, mas não na minha comida.”

“Ela está de luvas.”

“E faz carinho no cachorro com as luvas.”

“Nada aqui custa mais de cinco dólares”, empolgou-se Jill.

“Prefiro pagar mais por um sanduíche sem pelo de cachorro”, respondi.

Decidimos tomar café com leite em vez de comer. Depois, passamos pelas barracas de frutas e legumes, de peixe, de queijo, de doces e de castanhas. Pela loja de vinhos. Era um pouco estranho para nós, mas divertido. Era um pouco estranho para nós, mas as pessoas estavam dispostas a olhar nossa lista e dar sugestões. Já estava escuro quando voltamos para casa.

“Estou cansada demais para aprender a cozinhar”, declarou Jill, desabando no chão com estardalhaço.

“Você tomou três cafés”, eu disse. Mas Jill só conseguiu se deslocar até o sofá, onde ficou me ajudando pelo resto da noite, à sua maneira — provando quantidades copiosas de vinho e queijo e determinando quais ficavam melhor juntos. Enquanto isso, fiz o jantar mais árduo da história. Levei meia hora para picar três cenouras e um maço de brócolis. Pesquisei por uma hora na internet a melhor maneira de grelhar um filé de peixe. As batatas ficaram cozinhando por duas horas e meia, mas nem assim ficaram prontas, porque o forno estava a duzentos graus, já que eu estava assando biscoitos ao mesmo tempo (eles também ficaram meio crus, mas é melhor comer biscoitos crus a queimados). Já passava de meia-noite quando terminamos de jantar. Eu não conseguia pensar em fazer aquilo nem uma vez por mês, quanto mais todas as noites.

“Gosto mais de bolacha água e sal”, declarou Jill.

“Você está bêbada demais para saber”, respondi.

“É verdade”, ela riu. “E os biscoitos estariam muito pior se eu tivesse ajudado.”

Quando chegou o feriado de Ação de Graças, eu já sabia razoavelmente o que fazer com frutos do mar e legumes, mas animais com patas permaneciam um mistério para mim. Eu não conseguia aceitar a ideia de enfiar a mão por um buraco no peru (feito quando a cabeça é cortada), retirar as entranhas e rechear com farofa. Propus então que virássemos vegetarianas. Preparamos um banquete sem peru. Mas um banquete não é banquete se for pequeno. Preparei *latkes* (já era quase Chanucá), purê de maçã (“Por que comprar pronto quando você pode se torturar?”, perguntou minha avó em um e-mail em que mandava a receita da mãe dela), refogado de vieiras (“Supervegetariano”, disse Jill), beterrabas assadas e profiteroles com diferentes recheios de sobre-

mesa. Acendemos velas e demos graças — por termos sobrevivido até o feriado, ao fim do primeiro semestre, ao fim do ano. Agradecemos pelos milagres passados — aprender a cozinhar, a lecionar, seguir com a pós-graduação, não ter que comer espinafre congelado com molho branco em cima de arroz de saquinho todas as noites. Agradecemos por nossa amizade.

Ninguém sobrevive à pós-graduação sem aliados. A pós é como a guerra, a diplomacia internacional ou os últimos anos da escola — um terreno perigoso contra o qual ficamos indefesos sem um mínimo de ajuda. Para isso, eu tinha Jill. E, também como na guerra, na diplomacia internacional e na escola, há inúmeros arqui-inimigos na pós. Todo mundo tem um. A nossa se chamava Katie Cooke. Ela estava sempre vestida de maneira exagerada, arrumada demais, fazia tricô durante as aulas, usava canetas coloridas e pendurava os óculos de leitura em alças que sempre — sempre — combinavam com as roupas. Katie se sentava no meio da primeira fileira quando as cadeiras estavam arrumadas em filas e ao lado do professor quando nos sentávamos em círculo. Ela erguia a mão para responder a toda e qualquer pergunta. Era fascinada pela era vitoriana e mórmon. Passamos noites e noites daquele semestre tomando cerveja e rindo dela. Ela era nossa válvula de escape.

Como ainda tínhamos um monte de sobras na segunda-feira após o feriado, levamos os profiteroles para a aula. Todo mundo ficou impressionadíssimo com o fato de que eu os havia preparado, até Katie. Depois da aula, ela nos cercou.

“Esses profiteroles são maravilhosos”, disse entusiasmada. “Você deve ser uma ótima cozinheira.”

“Ainda estou aprendendo”, respondi, meio blasé. “Devagar.”

“Estavam muito bons mesmo. E são saudáveis também. São tão pequenos que dá para comer um monte sem problemas.”

“Eu não tinha pensado nisso”, respondi, imaginando se além de maluca ela também era chata.

“Ninguém mais na pós cozinha”, Katie acrescentou.

“Pois é.”

De repente, ela agarrou meu braço. “Você tem que me ensinar”, sussurrou.

“O quê?”

“Você tem que me ensinar, eu não sei cozinhar. E deveria saber, meu sobrenome é Cooke.”

“Você não sabe cozinhar?!” Jill não acreditava. “Mas você parece uma rainha do lar. Tricota durante a aula. Usa terninho.”

“É, só que não sei cozinhar.” Estávamos em choque. Não só porque ela não sabia cozinhar, mas porque estava falando com a gente. Katie é uma pessoa surpreendente. Mas eu ainda não sabia disso.

Eu queria ter dito: “Também não sei cozinhar. Só estou começando”, ou “Agora estou enrolada com os estudos, vamos deixar para depois?”, ou ainda “Mas a gente não gosta de você”. Em vez disso, entrei em pânico e disse: “Tenho praticado aos domingos. Jill ajuda provando e palpitando. Você pode se juntar a nós”. Jill me encarou.

“Aos domingos fico na igreja até o meio-dia pelo menos”, disse Katie.

“Tudo bem”, respondi.

“Mas posso ir depois. Você compra alguma coisa?”

“Como assim?”

“Você compra alguma coisa? Não posso comprar nada aos domingos. Mas outras pessoas podem cozinhar pra mim. Desde que eu não pague.”

“Valeu”, disse Jill.

“Você pode chegar depois das compras, mas antes de cozinhar”, sugeri.

“Estou tão animada”, disse Katie, batendo palmas de felicidade. Não posso dizer que eu e Jill sentíamos o mesmo.

Naquele domingo, preparei pizzinhas e legumes ao forno. Jill ficou no sofá, bebeu vinho e atazanou Katie.

“Então, me conta... Era vitoriana? Parece meio babaca...”, começou Jill.

“Não é tão bab... conservador assim”, substituíu Kate. “Eu diria regulamentado, contido, ou mesmo nobre. E cheio de contradições.”

“É por isso que você é mórmon?”, insistiu Jill.

“Por causa das contradições?”

“É, também. E do conservadorismo.”

“A família do meu pai é mórmon há cinco gerações. Se quiser, posso te explicar tudo a respeito”, disse Katie.

“Não, obrigada. Isso de não poder tomar café já basta pra mim. O que tem de errado com o café, afinal?”

“Resumindo? Café vicia.”

“Vinho também.”

“Também não tomamos vinho”, explicou Katie.

“Nem vinho?!” Jill estava horrorizada.

“Nem vinho.”

“Mas a Bíblia tem vinho em tudo quanto é canto”, protestou Jill. “Você já leu a Bíblia?”

“Resumindo?”, repetiu Katie. “É uma leitura moderna. É importante que

as pessoas consigam se controlar o tempo todo. É importante e difícil. E o vinho não ajuda em nada.”

Jill revirou os olhos. “E por que você está tão desesperada para aprender a cozinhar?”

“Para casar”, disse Katie.

“Você está noiva?”

“Não.”

“Namora?”

“Não.”

“Acha que acabou de conhecer o cara certo? Apaixonou-se por um amigo? É um casamento arranjado?”

“Estou esperando impacientemente”, contou Katie. “E me preparando nesse meio-tempo.”

“Até que eu gostei dela”, confessei a Jill depois que Katie foi embora.

“Ela é tão esquisita”, disse Jill. “Disse que queria aprender a cozinhar e depois nem prestou atenção.”

“Nem você”, eu disse.

“É, mas eu nunca quis aprender a cozinhar pra valer. Eu só queria que você aprendesse a cozinhar pra mim.”

No domingo seguinte eu e Jill fomos comprar comida e Katie nos acompanhou, o que era permitido desde que ela não pagasse por nada. Ela estava se tornando uma arqui-inimiga cara. Depois fomos para casa e eu cozinhei enquanto Katie e Jill ficavam na sala conversando. Katie tinha resolvido que era mais divertido socializar que aprender a cozinhar. E ela não cedeu às provocações nada gentis de Jill. Veio e ficou. O que podíamos fazer? Tínhamos uma arqui-inimiga a menos. Ficamos sem rivais.

Mais tarde, muito mais tarde, ele também vai se perguntar, como minha avó, como foi que tudo começou. Ele, que nos conhecerá tão profundamente, imaginará como pessoas tão diferentes se encontraram. E por quê. Ele vai fazer essa pergunta. E eu vou pular a parte do Waldorf Astoria e contar essa história direto, pois é aqui que tudo realmente começou, em algum lugar entre os monstros e os profiteroles, com uma amizade. Vou contar a ele que, muito antes de óvulos e espermatozoides, havia uma resplandecente, linda, indescritível, cega e inabalável fé.

T. S. Eliot devia estar na pós-graduação quando chegou à conclusão de que abril é o mês mais cruel. Em abril, eu tinha duas monografias de vinte e cinco páginas para escrever, uns doze livros (do tipo chato, de crítica literária) para ler para cada uma delas e cinquenta relatórios de pesquisa para avaliar, com cerca de quarenta e cinco minutos cada, para os dois cursos de introdução à redação que eu lecionava. Isso porque, quase quatro anos depois da seção de bolachas e do início da pós, eu sabia o que estava fazendo, mas não sabia como fazê-lo de forma eficiente. Por um lado, eu dava aulas na Rainier University, uma instituição de ensino de primeira categoria, e lia e pensava sobre literatura para ganhar a vida, ainda que mal. Por outro, eu não era oficialmente professora universitária, apesar das horas e horas preparando aulas, fazendo reuniões com alunos e dando notas. Meus professores lecionam na mesma escola que eu, dão aulas (como eu) em dois cursos por semestre, são pagos, como eu, para dar aulas e ler livros e escrever sobre eles para ganhar a vida — só que há duas grandes diferenças aqui. A primeira é que eles recebem o suficiente para ser chamado de salário. Às vezes até saem para jantar fora em restaurantes chiques. A segunda é que, embora sejam professores, a prioridade deles é a pesquisa, não a sala de aula. Alguns nem gostam de lecionar. Alguns estão velhos demais para isso e se esqueceram de como fazer. Outros nem se importam mais. Eu, ao contrário, nunca fui a um restaurante chique, mas me importo, e muito.

Meus alunos percebem isso. Exceto pelas aulas de inglês, o primeiro ano deles se passa, em grande parte, em salas enormes com outras trezentas pessoas escutando um professor dar aulas enquanto tomam notas furiosamente. Quando esses alunos entram em crise, o que é comum porque eles têm dezoito anos, estão longe de casa pela primeira vez e dividem alojamentos com outros quinhentos adolescentes de dezoito anos longe de casa pela primeira vez, eles vêm falar comigo. Durante o horário de trabalho, costumo receber poucos trabalhos, mas tenho um fluxo constante de estudantes em crise.

Por exemplo, no dia a partir do qual vou realmente começar a contar essa história, Isabel Rallings estava chorando na minha sala. Em meio aos soluços, consegui entender que o namorado dela não telefonava mais (típico), não a visitava havia algumas semanas apesar de ter jurado que visitaria (típico), não

soou muito empolgado no último telefonema (típico), e que ela achava que estava grávida (não tão típico, mas nada incomum; vejo em média dois casos de possível gravidez por semestre). Relativamente fácil, talvez não para a Isabel, mas para mim, sim. Tenho prática nisso. Conversamos sobre a importância de uma boa comunicação. Sobre como o ciclo menstrual às vezes fica irregular nessa época do semestre. Chegamos à conclusão de que, embora testes de gravidez custem uma fortuna para uma universitária (e, para ser sincera, para mim também), eram uma pechincha em troca de paz de espírito. Dei-lhe alguns lenços de papel, disse palavras de carinho e nos despedimos.

“O próximo”, ela disse, sorrindo tristonha para James Rains, que estava sentado junto à parede do corredor esperando que Isabel acabasse. Ele entrou em minha sala com um ar pesaroso, meio com vergonha, meio rindo. James era o terceiro caso naquela semana. Eu já sabia o que ele ia dizer antes que começasse a falar. “Bom, você vai achar engraçado.” Realmente, eu já estava me divertindo, embora duvide que fosse isso que ele queria dizer. Ele sorria, mas não levantava os olhos dos sapatos. “Saímos ontem à noite, mas eu voltei para casa mais cedo para começar a escrever. Meus colegas de quarto chegaram e estavam bêbados, e eu tinha acabado de terminar o trabalho, então um deles se sentou sem querer no meu computador e perdi tudo o que eu tinha escrito.” Zombei um pouco dele para que percebesse que eu sabia que era tudo mentira, depois lhe dei mais um dia. Eu não ia mesmo conseguir corrigir tudo em uma só noite. Além do mais, fiquei com pena dele. Se fosse verdade, seria uma história muito triste. Imagine só ter aquela trabalhadora toda — e, pior, deixar de sair — só para perder tudo depois. Se fosse mentira, teria pena da mesma maneira — porque ele não conseguiu inventar uma desculpa melhor e teve que se humilhar com aquela história.

No final do semestre, há uma torrente constante de caras como James Rains pedindo uma extensão do prazo. Quando vêm a mim, pelo menos, as mulheres têm histórias mais complexas, mais tristes (colegas doentes, irmãs deprimidas, relacionamentos problemáticos); os rapazes chegam com um monte de problemas técnicos (pen drives perdidos, laptops quebrados, cerveja no teclado e por aí vai — as combinações são infinitas). Não é que uma história seja mais provável que a outra — não há como saber. E não é que os homens não tenham crises emocionais também, mas é menos provável que eu dê atenção às deles. Essas desculpas irritam meus colegas, mas eu não ligo muito para elas. Alunos preguiçosos fazem com que eu me sinta eficiente.

O que, por sinal, não sou. No final do semestre, mal consigo dar conta de todas as avaliações que tenho que fazer, sem mencionar todos os livros que preciso ler. Quando tenho, como naquela tarde, umas poucas horas de tempo livre, eu deveria ir para casa ler. Deveria ter cancelado o atendimento

aos alunos. Eu não poderia nem sair de casa — é, tenho muita coisa para ler. Mas não dá para fazer pós-graduação na base do esforço puro. Só é possível concluir o curso fazendo uns intervalos. Pelo menos é o que digo a mim mesma. Às quintas-feiras, depois das aulas, quando terminava de atender os alunos, encontrava minhas amigas para beber.

Beber não é a melhor definição do que fazíamos. Na maior parte do tempo, não tínhamos dinheiro para beber. E nunca tínhamos tempo para os efeitos da bebida. A última coisa de que eu precisava era chegar em casa em um horário ainda razoável e me dar ao luxo de adormecer. Eu nunca conseguiria recuperar aquele tempo. Jill gosta de tomar um café e uma cerveja, imaginando que o efeito de um anula o do outro. Katie só come petiscos. Mas em Seattle, a despeito de estranhos princípios religiosos, até mórmons vão a cafés. Como na Inglaterra, onde todo mundo tem seu pub, em Seattle todo mundo tem seu café. O nosso fica afastado do campus, reduzindo as chances de encontrar algum de nossos colegas; ou, pior, nossos alunos; ou, ainda pior, nossos professores. Quase todos os cafés são meio frios — em parte porque é difícil isolar tanto vento gelado, mas principalmente para que as pessoas consumam mais bebidas quentes. O Joe Bar, no entanto, é quente, escuro e aconchegante. Tem mesas do lado de fora para quando o sol finalmente chega. Em abril ainda não é primavera para valer em Seattle, mas a chuva tinha parado, e Katie e Jill estavam do lado de fora, ignorando o frio. Elas dividiam um sanduíche de ovo, e estavam divididas quanto aos ovos. Quando me sentei, Jill dizia: “É exatamente a mesma coisa que comer pintinhos mortos com pão de centeio”.

“Não, não é”, insistiu Katie. “Os ovos que a gente come não foram fertilizados.”

“As galinhas fazem sexo, depois põem ovos.”

“Não, não é assim.”

“É claro que é.”

“Não, elas são como os peixes. Ela põe o ovo e o galo vem e fertiliza. Ou, nesse caso, o fazendeiro pega o ovo antes que seja fertilizado. É por isso que não estamos comendo pintinhos mortos.”

“E como ele faz isso?”

“Ele tira os ovos do galinheiro.”

“Não, eu quis dizer o galo”, explicou Jill. “Como é que ele fertiliza um ovo que já está fora da galinha? Ele tem uma furadeira na ponta do pênis?”

“Não sei”, respondeu Katie. “Vai ver os ovos são moles quando saem, depois eles endurecem.”

“Não, porque se eles saíssem moles, os ovos iam ficar cheios de feno e cocô de galinha grudados. O ovo serve exatamente para proteger o pintinho.”

“Acho que você tem razão”, admitiu Katie, que não conseguia argumentar contra uma lógica tão perfeita. Essa conversa é um bom exemplo de por que só como ovos quando eles não parecem mais ovos — mexidos, na massa da torta ou no bolo. Também mostra por que não fizemos pós em biologia.

“Como vocês chegaram à reprodução das galinhas?”, perguntei, como se pudesse haver uma explicação realmente satisfatória.

“Katie acha romântico as galinhas ficarem juntas a vida toda”, explicou Jill.

“São os gansos que fazem isso”, respondi.

“Talvez os cisnes”, disse Katie. “Ou as garças?”

“Por que estamos falando sobre animais que ficam juntos pela vida toda?” Tentei voltar ao assunto.

“Eu estava pensando na minha tese sobre *Grandes esperanças*”, contou Katie, como se isso explicasse tudo.

“Como foi no trabalho?”, perguntou Jill. “Não acredito que você ainda está fazendo isso. As aulas acabaram, está na hora de ler.”

“Como é que eles podem inventar desculpas para atrasar os trabalhos se eu não estiver no escritório? Foi tudo bem. Um computador arruinado, um plano de estudos perdido, um rascunho para ler e uma possível gravidez.”

“Duas”, disse Jill, com a boca cheia de salada de ovo.

“Duas o quê?”

“Duas possíveis gestações.”

“Não”, respondi. “Só uma. Isabel.”

“E eu”, ela completou. E como a fitamos com cara de espanto, sem entender, ela acrescentou: “Acho que estou grávida”.

Katie ficou branca. É claro que sempre soube que é isso que acontece quando as pessoas fazem sexo antes do casamento, mas parecia uma tragédia enorme. Nos segundos de silêncio que se seguiram ao anúncio pasmo de Jill, Katie já a imaginava perambulando pelas ruas geladas de Londres em 1850, com um bebê subnutrido envolvido em um xale sujo e rasgado, gritando enquanto ela procurava homens com quem se prostituir em troca de um pedaço de pão. As coisas são assim para os vitorianos. Como shakespeariana, recebi melhor a notícia, mas o que se passou pela minha cabeça foi uma montagem de aulas de educação sexual sobre como evitar essa situação.

“Por que você acha isso?”, perguntei.

“Minha menstruação está atrasada”, disse Jill.

“Estresse de abril?”, sugeriu Katie esperançosa.

“Não fomos muito cuidadosos”, admitiu Jill.

“Mesmo assim...”, disse Katie.

“E vi o colo do meu útero. Está com uma cor estranha.”

Revirei os olhos e suspirei. Jill provavelmente não precisava dessa demonstração de irritação, mas não consegui me conter. Ela podia não saber muito sobre a reprodução das galinhas, mas, no que dizia respeito à sua, dava detalhes nojentos. Ela acha que sabe quando está ovulando, por isso não usa preservativos quando acredita que não precisa. O que, obviamente, não funciona sempre.

Em conversas como essas, é difícil saber o que dizer primeiro. Katie foi direto ao ponto, sussurrando: “O que você vai fazer?”, no mesmo instante em que tentei dizer algo mais prático: “Você já contou ao Dan?”.

“Não sei”, disse Jill, a menos perturbada de nós, sem sombra de dúvida. “E não, ainda não. Vocês são as primeiras a saber.”

Era o fim do nosso happy hour de quinta-feira.